



Data: 27.01.2011

Título: DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

Pub: **Jornal de Notícias**

  
clipping  
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8;9

ALEXANDRE QUINTANILHA, D. MANUEL CLEMENTE E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

## Conversas com Norte

# DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

**Intolerância religiosa e outras intolerâncias dominaram mais uma edição das Conversas com Norte, com Alexandre Quintanilha e D. Manuel Clemente**

Área: 1494cm² / 78%

FOTO Tiragem: 133.131

Cores: 4 Cores

ID: 3486370

**José Leite Pereira (JLP)** - 2010 ficou assinalado pela morte de diversos cristãos e, já em 2011, houve perseguições com mortes que levaram o Papa Bento XVI a pedir a revogação da lei que pune a blasfêmia. D. Manuel, isto é intolerância assente na cultura, na política, na guerra política? Estamos a falar de quê?

**D. Manuel Clemente (MC)**: É a sociedade no seu todo, porque é aí que as coisas radicam, positiva e, no caso, negativamente. Sociedades que ainda não desenvolveram a liberdade individual são, necessariamente, coesas por questões de defesa e suportam mal qualquer desvio ou diferença. Porque as põe em causa e amedronta, reagem de maneira intolerante. Apesar de o cristianismo existir na tradição europeia, com tudo o que Jesus Cristo trouxe de respeito por cada um, só a partir do século XVIII é que a ideia de uma sociedade tolerante, em que podem existir várias religiões e várias posições pessoais, começou a fazer o seu caminho.

**JLP** - Mas o cristianismo também foi muito intolerante...

**MC** - Estou a reportar o problema à questão da sociedade, a doutrina que transporta em si uma tolerância radical. Se encontrar uma sociedade que não tem condições objectivas para desenvolver essa tolerância, porque as pessoas estão interdependentes e têm medo

de qualquer coisa que ponha em causa os equilíbrios, um medo difícil de definir, essas sociedades são necessariamente intolerantes.

**JLP - Professor Quintanilha, faz uma leitura idêntica?**

**Alexandre Quintanilha (AQ)** - Gostava de expandir o que foi dito. Os ganhos que obtivemos no Ocidente, nas sociedades supostamente democráticas, levou 500 anos a atingir. E não foi só do ponto de vista religioso. Do ponto de vista político, acabámos com o poder absoluto. Um processo que teve várias seqüências, a questão da liberdade religiosa, a Reforma e a Contra-Reforma na Europa, que produziu guerras horríveis, o desaparecimento das monarquias absolutas, a liberdade religiosa e cívica, poderemos escolher com quem casamos, se queremos ter filhos, o voto das mulheres, o fim da escravatura. Há coisas que no Ocidente aceitamos como ganhos - às vezes com algum risco, porque não estão profundamente enraizadas. Volta e meia, aparecem partidos políticos altamente intolerantes, e não é uma minoria, é um terço da população, em relação a questões de intolerância.

**JLP - Em França, assistimos à proibição do véu islâmico, o que é um sinal de intolerância, assistimos nas ruas a manifestações graves de alteração da ordem pública... Isto tudo insere-se onde?**

**AQ** - É uma questão social, a questão de perder o controlo ou haver uma crise em que as pessoas cul-

pam sempre alguém. É mais fácil dizer: a culpa é deste grupo e, portanto, vamos eliminá-lo ou pô-lo daqui para fora, como aconteceu com os gitanos.

**JLP - Tivemos pontualmente, em Portugal, um caso de intolerância...**

**AQ** - E não é preciso que seja verbal, pode ser subconsciente. Lembrome de chegar a Paris e, quando dizia que era português, as pessoas ficavam espantadas, porque estava na universidade. Na África do Sul, a mesma coisa: os portugueses eram merceiros e haver um aluno português a estudar física teórica era espantoso. Uma coisa é falarmos das intolerâncias e outra é sentir as intolerâncias, o que é muito diferente.

**MC** - Concordo. Ao olharmos a evolução das sociedades, a começar pela europeia, reparamos que oscilamos entre um sentimento básico (o da segurança) e outro, o da liberdade. A civilização e cultura tipo liberal, que pende sobre a decisão pessoal, é recente e não está adquirida para sempre, porque os dinamos de segurança são fortíssimos. Por isso, a democracia tem de defender os seus valores, não pode ser ingénua. Tudo o que nos é pré-racional, instintivo, básico e imediato, de adesão pouco consciente ou de rejeição inconsciente, é difícil de controlar. Na semana passada, falávamos das eleições e dos perigos da abstenção, que se verificou; a não participação na sociedade de-





Data: 27.01.2011

Título: DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

Pub: **Jornal de Notícias**

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8;9

  
clipping  
consultores



D. Manuel Clemente (à esquerda) e Alexandre Quintanilha (à direita) conversam com o director do

Área: 1494cm² / 78%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3486370

Data: 27.01.2011

Título: DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

Pub:

Jornal de  
Notícias

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8;9

clipping  
consultores



JN, José Leite Pereira

Área: 1494cm² / 78%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3486370

Data: 27.01.2011

Titulo: DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

Pub:

Jornal de  
Notícias

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

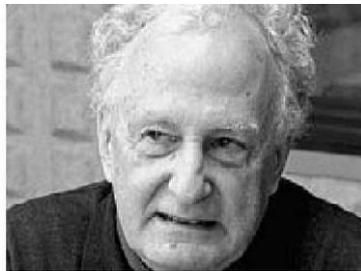
Pág: 8;9

clipping  
consultores



“Tolerância é uma palavra fraca. Há uma palavra melhor, que é respeito. Respeito pelo outro”

**D. Manuel Clemente**  
BISPO DO PORTO



“Esta noção de que devemos manter uma pequenina dúvida sobre as certezas que temos é extremamente saudável”

**Alexandre Quintanilha**  
INVESTIGADOR

mocrática para aguentar, sustentar, informar, pela participação cívica, pelo debate de ideias, pelo compromisso comum, em termos de direitos fundamentais, entre os quais o da liberdade religiosa, de todas as religiões. Este combate tem que ser permanente. Caso contrário, nem a democracia nem a tolerância mútua, as liberdades e direitos humanos se sustentam.

**AQ** - Não podia estar mais de acordo. A ênfase deve ser a defesa de uma democracia que, como dizia Churchill, “não é perfeita mas é a melhor que temos”. Deve basear-se não só na liberdade individual, mas na autonomia das pessoas e na responsabilidade. Este triângulo de autonomia, liberdade e responsabilidade é muito difícil de construir. É mais fácil estarmos convencidos de que alguém sabe o que devemos fazer e aceitarmos. E, muitas vezes, só quando estamos em crise ou enfrentamos um problema difícil, para o qual até as normas éticas não chegam, é que percebemos o peso da responsabilidade da nossa escolha individual. Mas como é que se ensina? Faz parte da educação de

Area: 1494cm² / 78%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3486370



uma sociedade, não se ensina por regras, mas por demonstração.

**JLP - Como é que olhamos para o que aconteceu com a Agenda Europa, a intenção da União Europeia de fazer uma agenda para as escolas, que mereceria o nosso aplauso unânime, inserindo todas as religiões – e, no final, verifica-se que, por exemplo, a Páscoa e o Natal estão fora desse calendário. Isto não é, necessariamente, um esquecimento, pois não?**

**MC** - É muito suspeito, pelo menos. Se têm intenção de anotar outras datas religiosas presentes na Europa, não se percebe como é que esquecem as referências cristãs, que são básicas na civilização europeia. Os autores da agenda terão de esclarecer. Mas queria fundamentar melhor a liberdade religiosa dentro do contexto de direitos humanos. Também do século XVIII herdamos uma contenda no que respeita à visão da sociedade e ao comportamento pessoal, entre uma consideração colectivista e uma consideração individualista. Pensamos a sociedade pelo todo. A filosofia alemã teve alguma responsabilidade, ao considerar a humanidade quase como uma realização progressiva, de uma ideia única que depois teria na colectividade a sua expressão, e a reacção, que vem da revolução francesa, de tipo individualista, ao considerar a sociedade como um conjunto de cidadãos, mais ou menos abstractos. Dentro destes dois extremos, é difícil enquadrar os direitos humanos, porque são enunciados gerais, mas têm que ser assumidos, por cada um, como responsabilidade. E é este caminho que se tem de fazer, entre o indivíduo e o colectivo. Há um con-

junto de qualificações pessoais, da sociedade, da crença, da convicção, e também da assumpção dos direitos e da responsabilidade por eles. Nem uma consideração atomística, individualista, da sociedade, nem o colectivismo imposto, filosófico ou ideológico, podem substituir o caminho da pessoa. A própria liberdade religiosa enquadra-se na legitimidade de cada um assumir o que lhe é proposto.

**AQ** - A intolerância tem a ver com o facto de alguém estar convencido de que está na posse da verdade. E a filosofia tem três grandes tendências: uma é a atitude de dúvida metódica, isto é, ter a noção de que é necessário questionar o que é dito, ensinado, imposto, transmitido; outra é a tradição de aceder ao conhecimento, à verdade absoluta, uma das grandes tradições nas quais muitas religiões estão metidas; e a terceira é a procura de uma vida boa, realizada, construída. Percebemos que estas formas de aceder ao conhecimento, através da ciência, da literatura ou da religião, podem estimular em nós uma forma diferente de olhar para o que queremos da vida. A ciência transmitiu-nos que devemos ser muito humildes, porque o que sabemos hoje, provavelmente, não é o que saberemos amanhã. Todos os grandes pensadores tiveram a coragem de dizer: gostava de olhar para isto de uma forma diferente, não tenho a certeza que seja exactamente assim. Na religião, por exemplo, tenho fascínio pelos místicos, que queriam ter uma relação directa com o sobrenatural. E foram todos perseguidos, tanto no islamismo, como no cristianismo ou na religião hebraica. Esta noção

de que devemos manter uma pequenina dúvida sobre as certezas que temos é extremamente saudável. Mas, infelizmente, a sociedade não encoraja isso. Até na ciência há muitos cientistas arrogantes que julgam que sabem exactamente o que é a vida...

**JLP - E na política, também...**

**AQ** - Em todas as áreas do conhecimento. O que a filosofia nos ensina é a forma de nos realizarmos fazendo com que os outros à nossa volta se realizem também. E a regra de ouro é igual para todo o mundo: não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti ou trata os outros como queres que te tratem a ti.

**MC** - É uma óptima base de partida. Na tradição cristã, somos confrontados com a afirmação de Jesus, que a princípio parece um pouco excessiva, mas que se compreende no sentido personalista, quando ele diz “eu sou a verdade”. Quer dizer que a verdade está numa pessoa. Eos cristãos acham que isso acontece diante de uma pessoa concreta que é Jesus Cristo. Encontramos uma verdade que é a verdade da relação, não é uma abstracção. A minha verdade é o que vou percebendo, mas também a minha relação com o outro, que vai fazendo o seu caminho. A verdade da relação, e que é assim pessoalmente proporcionada, como acontece em Jesus, é fundamental para não ultrapassar ninguém por causa de alguma ideia abstracta. Em relação à questão das perseguições aos cristãos, no Iraque e no Egipto, creio que o problema da intolerância e, positivamente, a liberdade religiosa só se afirmará em

Area: 1494cm² / 78%

Titragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3486370

Data: 27.01.2011

Titulo: DAS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA AO RESPEITO PELO OUTRO

Pub: 

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8;9



termos de desenvolvimento e benevolência. É curioso que, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, o Papa Bento XVI tenha dito que a liberdade religiosa tanto se concretiza na adesão a uma religião como na mudança de religião ou não tendo nenhuma.

**JLP - Nunca um Papa tinha posto a questão nesses termos. Sobretudo não haver religião.**

**MC** - Já vem no Concílio do Vaticano II que ninguém pode ser forçado, em nome de uma religião ou de qualquer afirmação colectivista, a aderir a um princípio geral. Faz parte do seu caminho pessoal de assumpção da verdade. Só em termos de desenvolvimento é que podemos chegar ao patamar em que a liberdade religiosa seja reconhe-

cida como um direito inalienável de cada um. A outra atitude é de benevolência, que significa querer bem ao outro.

**JLP - Estamos, seguramente, de acordo, mas num mundo tão economicista, às vezes esquecemos estes princípios...**

**AQ** - É muito fácil pôr as culpas numa coisa só. Não sei se é o mundo economicista, se é a liberdade demasiado individualista que existe actualmente. O que D. Manuel nos transmitiu, e que é defendido por um grande filósofo actual, o francês Levinas, é termos curiosidade pelo outro, revermo-nos no outro e sair do nosso egoísmo pessoal, perceber que o outro tem riqueza para nos dar. Provavelmente, o que está a faltar é esse fascínio pelo outro e pelo diferente.

**JLP - D. Manuel, estava a tomar notas...**

**MC** - Queria dizer que tolerância, apesar de tudo, é uma palavra fraca. Há uma palavra melhor, que é respeito. Respeito pelo outro.

---

## A ênfase deve ser a defesa de uma democracia

---

---

## A liberdade religiosa afirma-se em termos de desenvolvimento e benevolência

---

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO  
lmoreira@jn.pt



**OUVIR VERSÃO INTEGRAL**  
[www.jn.pt/multimedia](http://www.jn.pt/multimedia)

Área: 1494cm² / 78%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3486370